


Unesp  **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP

ELAINE CRISTINA BRAGA MAZON

**A representação corporal e a discriminação de gênero
em meninas participantes de um projeto social de
basquetebol da cidade de Araraquara – SP.**



ARARAQUARA – SP
2021

ELAINE CRISTINA BRAGA MAZON

A representação corporal e a discriminação de gênero em meninas participantes de um projeto social de basquetebol da cidade de Araraquara – SP.

Dissertação de Mestrado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Sexual.

Linha de pesquisa: Representação corporal e discriminação de gênero.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Tadeu Reina

ARARAQUARA – SP
2021

M476r Mazon, Elaine Cristina Braga
A representação corporal e a discriminação de gênero em meninas participantes de um projeto social de basquetebol da cidade de Araraquara-SP. / Elaine Cristina Braga Mazon. -- Araraquara, 2021
66 p. : il., tabs.

Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara
Orientador: Fábio Tadeu Reina

1. Representação corporal. 2. Discriminação de gênero. 3. Basquetebol. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

ELAINE CRISTINA BRAGA MAZON

A representação corporal e a discriminação de gênero em meninas participantes de um projeto social de basquetebol da cidade de Araraquara-SP

Dissertação de Mestrado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Sexual.

Linha de pesquisa: Representação corporal e discriminação de gênero.

Orientador: Prof. Dr. Fabio Tadeu Reina

Data da defesa: 05/02/2021

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Prof. Dr. Fábio Tadeu Reina

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

Membro Titular: Prof. Dr. André Chabaribery Capi

Universidade Paulista - UNIP

Membro Titular: Profª. Dra. Dirce Charara Monteiro

Universidade de Araraquara - UNIARA

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

Dedico o presente trabalho a minha família, que foi meu maior apoio nos momentos difíceis, e me ajudou para que o mestrado se tornasse um sonho possível.

AGRADECIMENTOS

Dedico este trabalho, primeiramente, a Deus, que me deu forças para vencer todas as dificuldades.

Ao meu pai João Carlos (in memoriam), que infelizmente não pode estar presente neste momento tão importante da minha vida.

Também dedico ao meu irmão Mauricio (in memoriam), que nos deixou muito cedo, mas continua no meu coração.

Ao meu irmão Beto, por ficar feliz em me ver vencer.

Ao meu marido José Henrique, por ser a maior fonte inspiradora para seguir meus estudos, por permanecer sempre ao meu lado e apoiando cada decisão que eu fosse tomar. Por acreditar que o sonho pode se tornar real, desde que se trace metas e siga em frente sem desanimar.

Ao meu querido e amado filho Cauã, pela paciência que teve com a mamãe, foram horas de estudos, mas ficou sempre a meu lado, mesmo com soninho adormecia em meus braços enquanto estudava.

Ao professor Fabio Tadeu Reina, que antes de ser meu professor é um grande amigo. Pela orientação, confiança e dedicação, atenção e paciência dispensada para concretização deste sonho.

“A persistência é o caminho do êxito ”.

Charles Chaplin

Resumo

O presente estudo aborda a representação corporal e a discriminação de gênero em meninas inseridas em um projeto social de basquetebol da cidade de Araraquara-SP, considerando aspectos como contato físico, características pessoais, a trajetória de vida na modalidade esportiva em questão, a imagem corporal e os pontos que evidenciam a representação corporal no grupo investigado. Por meio de entrevista realizada com as alunas, pôde-se perceber os conflitos existentes nas diferenças de sexo, a luta das jovens dessa modalidade para conseguir um espaço dentro das quadras esportivas, o estilo que cada uma possui seja no ambiente esportivo ou fora das quadras, incluindo o modo de falar, vestimenta, avaliação da aparência entre as meninas pertencentes a um mesmo grupo, curiosidades e formas de expressão. Adicionalmente, apresenta relatos de lutas e transformações no basquetebol feminino. Os resultados apontam haver discriminação indireta de gênero na prática do basquetebol feminino, imposta pela sociedade sobre os padrões culturais e os tipos físicos. Sob esta perspectiva, tal discriminação parece atuar como selecionadora, pois evidencia padrões e diz quem pode se enquadrar, ao mesmo tempo que serve como instrumento de manipulação de pessoas, alienando-as e desrespeitando seus direitos. Fica evidente que as mulheres são categoricamente tachadas como fisicamente frágeis quando comparadas aos homens; que seus corpos são dotados de docilidade e sentimentos afetivos, qualidades estas negadas aos homens; e que sua condição materna deve ser preservada, como garantia de perpetuação da espécie. Por fim, o ambiente esportivo favorece o desenvolvimento do espírito guerreiro, o que parece ser uma condição negada às mulheres.

Palavras-chave: Representação corporal, discriminação de gêneros, Basquetebol.

Abstract

The present study addresses the body gender representation in girls inserted in a social basketball project in the city of Araraquara-SP, considering aspects such as physical contact, personal and discriminatory characteristics, the life trajectory in the sport in question, the body image and the points that show body representation in the investigated group. Through an interview with the students, it was possible to perceive the existing conflicts in gender differences, the struggle of young women in this modality to get a space inside the sports courts, the style that each one has, whether in the sports environment or outside the courts, including the way of speaking, dress, assessment of appearance among girls belonging to the same group, curiosities and forms of expression. Additionally, it brings reports of struggles and transformations in women's basketball. The results demonstrate that there is indirect gender discrimination in the practice of women's basketball, imposed by society on cultural standards and physical types. From this perspective, such discrimination seems to act as a selector, as it highlights patterns and says who can fit in, while serving as an instrument for manipulating people, alienating them and disrespecting their rights. It is evident that women are categorically categorized as physically fragile when compared to men; that their bodies are endowed with docility and affective feelings, qualities which are denied to men; and that her maternal condition must be preserved, as a guarantee of perpetuation of the species. Finally, the sports environment favors the development of the warrior spirit, which seems to be a condition denied to women.

Key-words: Body representation, discrimination of the gender, basketball.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Resultados referentes ao conhecimento do conceito de representação corporal por parte das alunas investigadas..... 38

Tabela 2- Resultados referentes a apresentação do próprio corpo por parte das alunas 39

Tabela 3- Resultados referentes a satisfação das alunas na observação de seus próprios corpos..... 40

Tabela 4- Resultados referentes ao que desperta a atenção das participantes deste estudo em relação as suas companheiras, durante a prática esportiva..... 41

Tabela 5- Resultados referentes à crença das alunas inseridas no projeto Sonhando alto de Basquetebol em relação a existência da discriminação de gênero na modalidade basquetebol feminino..... 42

Tabela 6- Resultados referentes ao comportamento dos familiares das alunas inseridas no projeto Sonhado Alto de Basquetebol em relação a participação feminina na modalidade basquetebol..... 44

Tabela 7- Resultados referentes à proibição de participação das alunas por parte de seus familiares no Projeto Sonhando Alto de Basquetebol..... 45

Tabela 8- Resultados referentes à vivência das alunas do projeto em situações preconceituosas na modalidade basquetebol..... 46

Tabela 9- Resultados referentes a algum tipo de preconceito direto sofrido pelas alunas durante as atividades propostas pelo Projeto Sonhando Alto..... 47

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UNESP	Universidade Estadual Paulista
FIBA	Federação Internacional de Basquetebol
ABA	Associação de Basquetebol de Araraquara
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Sumário

Apresentação e a construção da temática proposta	11
1. Introdução	12
2. Fundamentação teórica.....	13
2.1 A representação corporal	13
2.2 O gênero feminino no esporte	20
2.3 Trajetória da mulher no esporte.....	24
2.4 A história do basquetebol feminino	28
2.5 Curiosidades da modalidade	30
2.6 O Projeto Sonhando Alto de Basquetebol.....	32
2.7 Avanços da mulher no cenário esportivo	33
3. Metodologia	34
3.1 Amostra	35
3.2 Instrumento	35
3.3 Procedimentos da coleta de dados	37
4. Resultados e Discussões	37
5. Considerações finais	49
Referências	51
Apêndices.....	60

APRESENTAÇÃO E A CONSTRUÇÃO DA TEMÁTICA PROPOSTA

Ao longo de minha formação acadêmica, sempre despertaram meu interesse os temas relacionados à esfera educacional. De fato, minha primeira formação após a conclusão do ensino médio foi em Magistério. Na sequência, trabalhei como professora da educação infantil em uma instituição de ensino. Os mantenedores desta instituição de ensino ofereciam regularmente palestras educacionais para as crianças, com os mais variados temas. Um dia, assistindo à palestra de uma nutróloga fiquei encantada com o assunto que abordava os hábitos alimentares das crianças no ambiente escolar e a carência de informações relacionadas a uma alimentação saudável. Após alguns meses, de espectadora da palestra e professora do ensino infantil, tornei-me aluna do curso de graduação em nutrição, que foi minha segunda formação acadêmica.

Finalizada a graduação em nutrição, recebi um convite para trabalhar como nutricionista do Projeto Sonhando Alto de Basquetebol da cidade de Araraquara/SP, um projeto social mantido pela lei paulista de incentivo ao esporte do governo do estado de São Paulo.

Palestrando e convivendo não somente com os alunos do projeto, mas também com seus familiares, algumas situações e vivências começaram a me inquietar, especialmente aquelas relacionadas com os conflitos sociais e a discriminação do gênero feminino no âmbito esportivo.

Neste momento, buscando aprofundamento teórico e possível entendimento para as minhas inquietações, surge então a ideia do mestrado em Educação Sexual e a possibilidade de estruturação e elaboração de um projeto de pesquisa que contemplasse as jovens alunas do Projeto Sonhando Alto.

1. INTRODUÇÃO

A discriminação de gêneros e raças imposta pela sociedade sobre os padrões culturais e os tipos físicos acaba atuando como selecionadora, especialmente no âmbito esportivo. Neste contexto, a desconstrução da supremacia masculina e o reconhecimento da importância do papel feminino na construção do esporte contemporâneo são imprescindíveis na busca da justiça de gênero.

Nesta perspectiva, algumas inquietações me conduziram a investigar em jovens alunas de um projeto social de basquetebol como se dá à representação corporal e a discriminação do gênero feminino nas práticas esportivas, considerando o contato físico, as características pessoais das jovens discriminadas, o estilo que cada uma possui dentro e fora das quadras, incluindo o seu modo de falar, vestimenta, cabelo e formas de se expressar, bem como, à trajetória de vida destas alunas no basquetebol feminino.

Atuando como nutricionista do projeto, muitas vezes foi possível permanecer no polo de treinamento após minhas palestras e acompanhar as aulas, momentos nos quais explicitavam os conflitos existentes entre os diferentes gêneros, bem como, a luta das jovens dessa modalidade para conseguir um lugar dentro das quadras.

No que diz respeito a representação corporal, há uma profunda indagação do porque as jovens se preocupam tanto com a aparência, com a beleza, estética e a imagem que têm de si mesmas e de suas companheiras. Independente da atividade que realizam, a preocupação com a imagem ficava evidente.

Já em relação a discriminação, jovens do gênero feminino sentem-se ameaçadas pela sociedade no âmbito esportivo, o que as tornam vulneráveis, porque passam a acreditar em questões enraizadas de discriminação, percorridas por muitos séculos, tendo os seus papéis construídos por submissões ao gênero masculino, considerando regras, conflitos sociais, injustiças, lutas, imagens corporais e conquistas.

Esta situação para algumas jovens, não é uma tarefa fácil de ser enfrentada. Prova disso, é a existência de marcas que perduram em pleno século XXI. Por outro lado, existem jovens que conseguem contornar tamanha discriminação e acreditam ter a mesma capacidade que o sexo oposto.

O presente trabalho está dividido em cinco seções que contemplam a organização do mesmo. Nesta primeira seção inserimos uma breve explanação acerca dos objetivos e estruturação do trabalho.

Na segunda seção, apresentaremos a fundamentação teórica do trabalho, discorrendo sobre a representação corporal, o gênero feminino no esporte, a discriminação da mulher no âmbito esportivo, a história do basquetebol feminino e suas curiosidades, o Projeto Sonhando Alto de basquetebol e os avanços do gênero feminino no cenário esportivo.

Após a apresentação do referencial teórico, na terceira sessão, serão explanados os aspectos metodológicos relacionados ao tipo de estudo, caracterização da amostra, ambiente e procedimento de coleta de dados.

Posteriormente, serão exibidos os resultados e as discussões provenientes da análise do material coletado. Por fim, serão apresentadas as conclusões e considerações finais do estudo, bem como, os anexos decorrentes da execução da pesquisa.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A REPRESENTAÇÃO CORPORAL

A representação corporal é um termo utilizado para padronizar os diferentes componentes que integram a imagem corporal. Dentre eles, tem-se: satisfação com o

peso, satisfação corporal, avaliação da aparência, imitação corporal, corpo ideal, padrão de corpo, e a percepção corporal (Thompson et al., 1999).

Ao deixar de ser um bebê o corpo do ser humano até a adolescência mantém uma identidade; essa identidade sofre uma desorganização com a emergência dos caracteres sexuais secundários. As mudanças que ocorrem nesse período levam a uma perda da antiga imagem corporal e da identidade infantil, o que implica na busca de uma nova identidade. A menina adquire, neste contexto, um novo status e, com a chegada da menstruação, tem como tarefa psíquica que definir seu papel e identidade sexual (Aberastury, 1990).

É na infância que a representação corporal se desenvolve a partir de dois anos de idade sendo capaz de reconhecer a imagem do seu corpo refletida no espelho. Assim, a representação do seu corpo vai se constituindo e iniciando o processo de percepção sobre como os outros a percebem (Castilho, 2001).

De acordo com Gallahue e Ozmun (2005) no final da infância e no início da juventude, há uma transição da maturidade sexual, que é marcada pelo início da “puberdade”. Segundo Campos (2002), esta fase é marcada por reações psicológicas e por mudanças físicas, que se prolongam até uma razoável resolução de sua própria identidade.

Hurlock (1979) descreve uma série de mudanças que acontecem na puberdade, dentre elas: a cabeça cresce lentamente em relação ao resto do corpo, a testa se torna mais alta e larga, o nariz cresce rapidamente, a boca se alarga, os lábios tornam-se mais cheios e o queixo passa a ser mais pronunciado, desenvolve-se a linha da cintura, ombros e quadris se alargam, os braços e as pernas se alongam e tornam-se mais moldados, em consequência dos depósitos de gordura. Além disso, há também o desenvolvimento dos

seios, o aparecimento dos pelos púbicos, axilares, faciais e nos membros, alterações na voz e na cor e textura da pele.

Adicionalmente, mudanças também acontecem nos órgãos internos, nos sistemas digestivo, circulatório, endócrino e respiratório; os ovários e o útero crescem e amadurecem rapidamente. Acompanhando essas transformações, vem o sangramento menstrual cíclico, menstruação ou menarca, que deve ocorrer por volta dos 12 anos (Penna et al., 1989).

A juventude é a fase na qual o corpo se encontra em constantes alterações, e em ambos os sexos há a preocupação do corpo perfeito. A inserção social nessa fase é primordial para o adolescente, o que o torna bastante vulnerável a influências tanto da mídia como da sociedade em que ele está inserido (Silva & Alves, 2007).

Com todas essas mudanças, a representação corporal também precisa ser reformulada. A representação corporal ou esquema corporal é a representação mental do próprio corpo, o modo como ele é percebido pelo indivíduo. Compreende não só o que é percebido pelos sentidos, mas também as ideias e sentimentos referentes ao próprio corpo, em grande parte inconscientes (Schilder, 1999).

A autoestima está associada à percepção que o jovem tem de seu corpo, em grande parte às transformações físicas e emocionais marcadas pelo desenvolvimento de características sexuais secundárias: a transição entre a infância e a idade adulta. (Assis et al., 2003).

Para Chipkevitch (1987), não se pode referir à juventude sem ligá-la ao corpo, e referir-se ao corpo sem ligá-lo a mente. Nessa fase as intensas mudanças físicas influenciam e interagem intensamente com a sociedade o que ela apresenta e psicologicamente na identidade do adolescente.

Nesta fase os jovens começam a perceber melhor seu corpo e a compará-lo com os dos outros e percebem certas diferenças e semelhanças. É comum que as mudanças corporais causem frustração para muitos jovens. A puberdade é um período visto como crítico em relação à insatisfação corporal, pois os jovens começam a despertar seu próprio interesse, e fatores relacionados à família e à sociedade, começam a pesar em suas decisões e escolhas, agregado sempre com uma infinita carga de informações veiculadas pelas mídias num contexto corporal geral (Campagna, 2006).

De acordo com Oliveira e colaboradores (2003), é preciso atenção especial, pois as representações da juventude sobre seu corpo, implicam em suas atitudes, e uma conduta precipitada pela busca do modelo de beleza ideal que elas desejam ter através da comparação com outras colegas resultando em um corpo delineado da qual muitas vezes elas acreditam que não se encaixam.

De fato, a representação corporal já está formada muito antes da juventude, mas é nela que ocorrem as maiores reconstruções e reformulações da imagem corporal do indivíduo.

Santaella (2004) descreve que a preocupação com a beleza foi ganhando força no decorrer do século XX, em período que a palavra de ordem passou a estar no corpo forte, belo, jovem, veloz, preciso e perfeito.

Por sua vez, Boltanski (1989) considera que as pessoas das classes populares se esforçam para obter imagem semelhante aos da classe dita superior.

Taub e Andreoli (2004) relatam também que nesta fase a juventude também sofre com sua busca na aceitação e interação com o grupo em que está se inserindo, pois procura por novas experiências e é influenciada pelo seu meio de convívio. As adolescentes constroem a representação corporal neste período, de acordo com o que idealizam ser um corpo ideal para si.

A representação corporal é um conjunto de representações mentais e corporais que vão sendo acumuladas ao longo da vida. Para essa construção são consideradas as impressões visuais e táteis, experiências dolorosas e prazerosas repletas por significados afetivos, de cultura, relacionamento, fatos presentes na história da pessoa. (Campos, 2008).

Para Tavares (2003), a maneira pela qual a pessoa conceitua seu próprio corpo está ligada diretamente à representação corporal, compreendida como um fenômeno singular estruturado no contexto da experiência existencial e individual do ser humano em um universo de inter-relações entre imagens corporais.

Já, Gomes e Caramaschi (2007), afirmam que a representação corporal está relacionada com a ideia que o indivíduo tem de si mesmo, adquiridas através de imagens refletidas de toda a história de sua vida, condensadas e representadas posteriormente, podendo tanto motivar ou inibir sua percepção corporal.

A representação corporal desenvolve-se por meio do sistema sensorial, da percepção e de relações sociais. Aqueles que não conseguem chegar a este padrão desejado sofrem muito. Esse processo tem um impacto negativo sobre a autoimagem, podendo ocasionar o aparecimento de baixa autoestima e até mesmo depressão (Becker Jr., 1999). Porém, a representação corporal não é só uma construção cognitiva, mas também uma reflexão dos desejos, atitudes emocionais e interação com os outros. É uma construção multidimensional que descreve amplamente as representações internas da estrutura corporal e de aparência física (Tavares, 2003).

Atualmente as relações com o corpo são amplamente influenciadas por diversos fatores socioculturais. Estes fatores conduzem homens e mulheres a apresentarem um conjunto de preocupações e insatisfações com a imagem corporal (Damasceno & colaboradores, 2006).

Na formação da personalidade do indivíduo um elemento indispensável é a representação que possui de seu corpo. Esta representação é complementada com a imagem do corpo do outro e dos outros que fazem parte de seu grupo.

Nesse sentido, Schilder (1977) relata o quanto se vivencia a imagem corporal dos outros, sugerindo que a experiência com a imagem do próprio corpo está ligada à experiência de terceiros com seus corpos. O autor afirma que uma compreensão total dos problemas pertinentes à imagem corporal só pode ocorrer se levar-se em conta as inter-relações das imagens corporais de várias pessoas.

Tavares (2003) descreve que a representação corporal está intimamente ligada com o desenvolvimento da identidade da pessoa e do grupo em que vive.

Nesta perspectiva, a imagem corporal englobaria as percepções do indivíduo sobre si mesmo e sobre a relação que o mesmo mantém com os outros. O corpo seria determinante da condição social do indivíduo e a beleza influenciaria o modo como o mesmo seria tratado pela sociedade. (Fischer, 1990; Schilder, 1999; Hart, 2003; Tavares, 2003; Novaes, 2008; Formiga, 2009).

De fato, a representação corporal positiva reflete em uma melhor qualidade das relações interpessoais, maior segurança em relação ao corpo, e uma percepção melhor sobre a própria personalidade (Barbosa, 2011).

De acordo com Weil e Tompakow (1986) por meio da representação corporal dizemos muito aos outros, sendo uma representação que não tem como mentir, é estruturalmente demonstrada aos olhos de todos.

Quando o assunto é corpo, a primeira representação corporal que figuramos é de uma estrutura de imitações, de músculos firmes e delineados, longe de qualquer imperfeição (Viana, 2007). Neste contexto, as mulheres perseguem o ideal de magreza e os homens buscam ser mais fortes e volumosos (Damasceno, 2005).

Na maioria das vezes, a representação corporal do adolescente é influenciada pelos pais, pela mídia e principalmente pelos grupos sociais de convívio, que buscam cada vez mais precocemente estereótipos esbeltos, cabelos diferentes, piercing e tatuagens.

De fato, a juventude é o período mais adequado para o início de atitudes e comportamentos saudáveis que refletirão na vida adulta. Entretanto, más influências neste período podem desencadear comportamentos comprometedores a si mesmo (Silva e Alves, 2007).

No que diz respeito a representação corporal do gênero feminino, as mudanças que ocorrem neste período levam a uma perda da antiga imagem corporal e da identidade infantil, o que implica na busca de uma nova identidade. A menina adquire, agora, um novo status e, com a chegada da menstruação, tem como tarefa psíquica definir seu papel e identidade sexual (Aberastury, 1990).

Para Lourenção (1991), a representação corporal feminina passa por um período de reformulação especial na adolescência, uma vez que, a imagem corporal é uma unidade adquirida, é dinâmica, portanto, alterações corporais provocam mudanças na imagem corporal, e esse fenômeno é particularmente intenso neste período.

Conforme afirma Calligaris (2000, p.25): “... entre a criança que se foi e o adulto que ainda não chegou, o espelho do adolescente é frequentemente vazio. ”

Ambos os gêneros, feminino e masculino, procuram por uma imagem corporal como se fosse um retrato, estabelecendo uma forma de observar determinados atributos que não conseguem encontrar em si mesmos, expandindo-se com suas experiências, em constante transformações.

Seja na sociedade, na mídia, na família, nos esportes e até mesmo entre amigos, existe uma forte pressão sobre a escolha de um padrão de beleza, na maioria das vezes com excessiva valorização do corpo, principalmente entre adolescentes do sexo feminino. (Dohnt, 2006).

Louro (2000) afirma que os corpos são constantemente avaliados, classificados e moldados às convenções sociais. As marcas impressas nos corpos, como gênero e etnia, por exemplo, servem de identificadores sociais facilmente "observáveis" a partir do olhar. Nessa imputação de identidades, operam os jogos de poder nos quais os homens são sempre mais valorizados do que mulheres. A autora ainda aponta a sexualidade como sendo a categoria primordial de diferenciação e definição dos indivíduos.

Para além dos aspectos físicos, constantemente o feminino é visto como fora de lugar, o que faz com que as mulheres passem costumeiramente por mais dificuldades de inserção do que os homens, incluindo atividades esportivas (Gherardi, 1994; Cash, 2012).

2.2 O GÊNERO FEMININO NO ESPORTE

O esporte se configura como um dos principais fenômenos socioculturais, sendo plural, complexo, heterogêneo. O mesmo tem merecido da intelectualidade e da mídia internacional uma atenção especial, que tem permitido aprofundamentos políticos, sociais, culturais, educacionais, científicos e antropológicos (Tubino, 2010).

As relações com o corpo são amplamente influenciadas por diversos fatores socioculturais. Esses fatores conduzem homens e mulheres a apresentarem um conjunto de preocupações e insatisfações com a imagem corporal (Damasceno et al., 2006).

A representação corporal no esporte, a percepção do corpo no cotidiano, a imitação, os gestos, os treinamentos e as competições, determinam a forma como o indivíduo se molda através dos outros.

Dentro do mundo esportivo as mulheres se encontram em um espaço limitado pois vêm lutando de forma gradual para conquistarem seus lugares em quadras e no âmbito esportivo de um modo geral.

De acordo com Moreira (2003), considerando o corpo das atletas na modalidade basquetebol, analisar o fenômeno corporeidade é adentrar aos símbolos e signos que estão tatuados no corpo ao longo do tempo. Portanto, a juventude avalia-se o tempo todo, ou seja, procura observar em outras colegas o que não conseguem encontrar em si mesmas.

A imitação nessa fase de construção de identidade se torna fundamental para determinar o que realmente gostariam de ser. Ao mesmo tempo, a sociedade impõe um padrão de beleza corporal que, muitas vezes, não corresponde ao que as adolescentes desejam.

Neste contexto, o padrão corporal feminino sofreu mudanças ao longo dos anos e atualmente as mulheres exibem corpos com baixos níveis de gordura corporal e com músculos aparentes. A influência histórica, cultural e midiática, se encarrega de criar desejos e reforçar padronizações de imagens corporais que se titulam serem as ideais (Russo, 2005).

No contexto esportivo, podemos considerar que o corpo das atletas de um modo geral é representado por um modelo idealizado para suas próprias satisfações. De fato, é um corpo designado como objeto de uso do trabalho.

De acordo com Tavares (2003), amamos o nosso próprio corpo e nossas formas estruturais, sendo elas as bases de nossas fortes emoções para com o corpo e refletimos assim uma contínua diferenciação em relação às estruturas psíquicas, principalmente

quando vivenciamos as imagens dos nossos semelhantes e criamos conexões com nossas estruturas corporais.

No que diz respeito ao conceito de gênero, a ênfase dada à construção social das diferenças sexuais não se propõe a desprezar as diferenças biológicas existentes entre homens e mulheres, mas a considerar que, a partir delas, outras são construídas (Scott, 1995). De fato, gênero é uma construção cultural que difere de sexo e que se propõe a compreender o termo como constituinte da identidade do sujeito (Louro, 2001).

Nesse sentido, ao se abordar as diferenças de gênero, não se pode reduzir seu entendimento às diferenças entre os sexos, pois o fato de ser mulher ou homem não é o mesmo que ser feminino ou masculino (Devide, 2002).

Para Knijnik (2003), a questão do gênero aponta para o fato de que, por intermédio de inúmeras práticas sociais, a sociedade se constitui baseada na distinção entre meninos e meninas num processo que não pode ser considerado harmônico ou linear.

De acordo com Santos (2009), as concepções geradas acerca de gênero e seus respectivos papéis são de cunho cultural; cabe à própria sociedade reinventar tradições não condizentes com o desenvolvimento humano. Logo, as escolas, juntamente com os pais, devem estar atentas à construção e às representações de práticas sociais que sejam inclusivas para todos.

As muitas diferenças no comportamento de meninos e meninas são inegáveis e refletem uma cristalização de construção cultural, que deve ser repensada. Reconhecê-las e ressignificá-las para diminuir as desvantagens é uma tarefa complexa que cabe ao educador, mas também à família e à sociedade como um todo (Souza, 2013).

No que diz respeito às práticas esportivas, devemos estar atentos às questões de gênero durante as aulas ou treinos, visto que, dos elementos da cultura corporal, é o considerado mais masculino e viril (Brasil, 2013).

O esporte é muitas vezes visto como um significativo fenômeno sociocultural, mesmo que, no plano histórico, a sociedade nem sempre o tenha considerado como um ambiente democrático. Isso se deve ao fato de que a prevalência dos atributos considerados como exclusivamente masculinos ocasionavam uma prática elitista, outrora incompatível com a fragilidade e a delicadeza, características atribuídas às mulheres (Cruz & Palmeira, 2009).

Como qualquer outra prática social, o esporte é também um espaço que produz e reproduz representações de masculinidades e feminilidades que são inscritas nos corpos, marcando a pele e os modos de viver de homens e mulheres (Adelman, 2007).

Tais marcas “produzem efeitos e, não raras vezes, são reclamadas para justificar a inserção, adesão e permanência de homens e mulheres em diferentes práticas corporais e esportivas” (Goellner, 2005 p. 85).

As mulheres, vivenciam a modalidade esportiva desejada com prazer, mas não deixem de lado a beleza e a graciosidade, atributos associados a uma suposta essência feminina. Pelo contrário, elas são incentivadas a práticas esportivas e corporais que busquem, se não potencializar, pelo menos, evidenciar uma feminilidade normalizada que, somada à beleza e graciosidade, também lhe confira gestualidades e comportamentos considerados adequados à sua natureza (Goellner, 2007).

Entretanto, não estar bem ou bonita pode constituir-se em grave fracasso, levando à perda da autoestima e à insegurança (Cury, 2005).

De acordo com Castilho (2001), as mulheres são mais insatisfeitas do que os homens com sua imagem corporal, ou seja, com a representação corporal que apresentam já que os jovens e mulheres em geral, são mais intensamente estimuladas pela sociedade e pela mídia a avaliar seu valor pessoal como dependente da sua atração física, ou seja, conforme sua imagem corporal. Quanto mais as pessoas investem na aparência, mais

vulneráveis se tornam em relação a uma imagem corporal negativa e aos incômodos a ela relacionados.

Especificamente na modalidade basquetebol feminino, as atletas parecem suscetíveis a busca do corpo perfeito que não encontram em si mesmas, mas sim na representação corporal de suas companheiras.

2.3 TRAJETÓRIA DA MULHER NO ESPORTE

Quando se fala em avaliar a participação da mulher no esporte é necessário resgatar-se o contexto histórico onde esse fato se iniciou, não podendo imaginar a origem do esporte sem a participação feminina, já que nos tempos primitivos o esporte ao confundir-se com os rituais religiosos e de caça, já envolvia a participação da mulher ao ajudar a combater uma presa para o abate (Tubino, 2002).

A atividade das mulheres nos tempos primitivos, se por um lado garantia a sua participação na caça, gerava proibições e recolhimento, fato este que se manteve até o período da Grécia Antiga (de estrutura social patriarcal).

A cidadania para os gregos estava ligada a função de guerrear, atividade vedada as mulheres, gerando com isso praticamente a exclusão feminina da vida pública, cabendo a elas somente o papel de ser mãe de cidadãos (Tubino, 2002).

Portanto, a história das mulheres no universo cultural do esporte é marcada por rupturas, persistências, transgressões, avanços e recuos, sob protesto de muitos, por considerar que as mulheres poderiam vulgarizar esse terreno tão recheado de honras e conquistas que era dominado por homens (Goellner, 2003).

De fato, para que as mulheres pudessem ser inseridas no âmbito esportivo, era necessário lutar e enfrentar paradigmas criados pela sociedade e que caracterizavam a

mulher puramente feminina, e com características inadequadas para a prática de alguns esportes (Teixeira Jr., 2006).

No âmbito da prática corporal prevaleciam as restrições: tanto é que de 1941 a 1975 vigorava o Decreto-Lei 3.199, que estabelecia as bases da organização dos esportes no Brasil e incluía um artigo que colocava, "às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza" (Adelman, 2003 p. 11).

Desde os primórdios da história do esporte e do movimento olímpico, as mulheres eram proibidas de participação e, portanto, cabia-lhes apenas a entrega dos louros aos vencedores. Esse ato de entrega das premiações se estende até hoje com belas corpos objetificados como parte do prêmio (Barreto, 2013).

No cenário esportivo, as mulheres foram consideradas como usurpadoras ou profanadoras de um espaço consagrado ao usufruto masculino. O esporte, tanto como lazer ou com finalidades bélicas, unificou um conjunto de adjetivos que representam o mundo masculino: força, determinação, resistência e busca de limites (Rubio e Simões, 1999).

Segundo Tubino (1992), a razão para a exclusão das mulheres na condição de atletas em jogos era justificada pela não condição física para desenvolver as atividades que lá eram propostas. Quanto a questão das mulheres espectadoras também era proibido uma vez que, que os terrenos de acesso aos locais de realização das provas eram muito íngremes e, percorrê-los exigiria muito esforço físico e afetaria de alguma forma o seu sistema reprodutivo.

No que diz respeito aos esportes e de acordo com à teoria do sociólogo Pierre Bourdieu (2007), é possível compreender que a grande dificuldade de inserção feminina

se deve muito ao comportamento, às configurações históricas, às dominações e às estruturas obscuras encontradas neste ambiente. De fato, o universo esportivo ainda não foi completamente visitado pela mulher, que se encontra refém de pensamentos conservadores e da representação estereotipada de sua imagem como atleta. Podemos compreender ainda o esporte como um campo autônomo, que funciona por meio de suas próprias leis e regras específicas, colocando-o em relação direta com as condições econômicas e sociais das sociedades correspondentes (Bourdieu, 1983).

Festle (1996) ainda refere que as mulheres atletas sempre tiveram de encarar o preconceito social de dois tipos: primeiro, que suas diferenças físicas as faziam muito menos competentes para o esporte do que os homens; e, segundo, que a prática esportiva as masculinizava (Louro, 1995).

Por outro lado, a mulher moderna quebra severas restrições impostas por antigos paradigmas e cada vez mais ganha espaço numa sociedade predominantemente calcada de valores masculinos (Freitas, 2003).

Nas últimas décadas, a crescente participação da mulher em territórios legitimamente considerados como masculinos tem revelado uma nova dinâmica social caracterizada, especialmente, pela redução das diferenças entre os gêneros (Rago, 2007; Batista, 2009; Deive, 2003).

Ao final do século XIX, na virada do século, passaram a ocorrer manifestações de discriminação contra a mulher. Do espaço privado da casa ao espaço público da convivência social, do trabalho doméstico ao trabalho assalariado, a ampliação dos espaços sociais, conquistados pelas mulheres, se consolidou a partir de resistências e reivindicações que não cessaram de reclamar condições de igualdade em relação ao homem (Martin, 2006).

As mulheres conquistaram grandes avanços no campo do trabalho, da política, da economia e no controle do seu próprio corpo, ensejados pelo movimento feminista, movimento social organizado a partir do Ocidente.

Segundo Alonso (2003), foi a partir do questionamento de papéis sociais, provocado pelo movimento feminista na década de 1960 (pregava que as mulheres deveriam se dedicar exclusivamente a casa, a família e cultivar a feminilidade), portanto as mulheres passaram a terem uma maior participação nas atividades esportivas.

Entretanto, a inclusão das mulheres nas diferentes práticas corporais e esportivas vem aumentando gradativamente nas últimas décadas, porém “as relações de poder exercidas entre homens e mulheres no campo esportivo, tem se configurado em posições e acessos extremamente desiguais” (Jaeger, 2006 p. 199).

Para Koivula (1999), em sua grande maioria, a cobertura televisiva dá a impressão de que a performance de mulheres é menos importante e menos interessante comparada a dos homens.

De acordo Goellner (2005), a desigualdade de gêneros no esporte transparece não somente através do preconceito, mas também nas diferenças na visibilidade conferida pela mídia, nas oportunidades, nas relações de poder, nos valores salariais no caso do esporte de alto rendimento, nos apoios e incentivos, entre outros aspectos.

Atualmente, a participação da mulher no esporte é reflexo da luta pela emancipação feminina e pela quebra de preconceitos baseados em argumentos amedrontadores como a masculinização e o aparecimento de pêlos (Knijnik, 2003). Chegou também a ser imposto que o esporte poderia enlouquecer a mulher, considerada

o sexo frágil, e que desta forma não conseguiria manter o equilíbrio diante de uma derrota ou vitória (Pfister, 2004).

Segundo Adelman (2003), o mundo esportivo tem, em parte, incorporado a luta das mulheres para se apropriarem de espaços existentes e para criar novos. Com a ruptura da domesticidade feminina, o padrão de fragilidade começa a ceder terreno a um novo ideal, mais adequado à noção de "mulher ativa".

Entretanto, o papel feminino, ainda associado à fraqueza e aos detalhes estéticos, dificulta suplantar o pressuposto de que as mulheres são muito femininas para viverem se machucando, marcando a pele, ou, o que é pior, considerar que são incompetentes para tais atividades. (Romariz e colaboradores, 2007).

Como afirma Goellner (2003), para a mulher, parecem ser prerrogativas sociais apenas os atributos de ser bela, feminina e maternal, desconsiderando-se, ainda, toda a sua potencialidade em outros papéis assumidos.

Discussões sobre o feminismo e o multiculturalismo parecem imprescindíveis no sentido de favorecer a desconstrução da hipérbole relativa à supremacia masculina associada ao mundo do esporte, em busca da justiça de gênero e de suplantar as lacunas impregnadas na realidade social, reconhecendo-se a importância do papel feminino nessa nova construção do esporte contemporâneo (Vertinsky, 2010).

2.4 A HISTÓRIA DO BASQUETEBOL FEMININO

A história de inclusão das mulheres no esporte é reconhecida como uma história de poder e dominação masculina sobre as mulheres e também de desigualdades onde as mulheres sempre tinham papéis de submissão, sem poder procurar respeito e igualdade. (De Frantz, 1997).

De fato, somente no final do século XIX e início do século XX foi possível observar as posições de destaque e importância que a mulher assumiu em várias áreas distintas.

A inserção da mulher, ainda que tenha aumentado com o decorrer dos anos, possui uma baixa visibilidade, se comparada à presença dos homens em cenário esportivo e, acima de tudo, se mostra carente de incentivos e investimentos (Brasil, 2013). Além disso, as meninas que se comprometem a jogar enfrentam diversas dificuldades e preconceitos (Darido, 2011).

Segundo dados da Federação Internacional de Basketball (FIBA), hoje em dia o basquete é praticado por mais de 300 milhões de pessoas no mundo inteiro, nos mais de 170 países a ela filiados (Confederação Brasileira de Basquetebol, 2020).

O basquetebol é uma modalidade esportiva surgida em Massachusetts, no ano de 1891, como criação do professor James Naismith (Freitas e Vieira, 2006). Por ser um esporte tradicional no Brasil, os selecionados nacionais, tanto no masculino quanto no feminino, já figuraram entre as maiores forças internacionais (Beneli, 2007).

No Brasil, o esporte foi trazido no ano de 1896, pelo professor norte-americano August Shaw, ao ser convidado para dar aulas no Colégio Mackenzie de São Paulo e de imediato foi aprovado pelas mulheres, o que atrapalhou a difusão do basquete entre os homens (Confederação Brasileira de Basquetebol, 2006).

A história do basquetebol feminino se deu em 1892, quando a professora de educação física Senda Bereson do *Smith College*, adaptou as regras criadas por James Naismith nas suas aulas, pois naquela época o basquetebol era visto como um jogo masculino e que podia masculinizar as mulheres.

O basquetebol feminino foi conquistando seu espaço aos poucos apesar dos preconceitos prosseguirem por muitos tempos.

Atualmente, o basquetebol é um esporte que vem sendo altamente difundido pelo mundo, tanto na versão feminina como na versão masculina. (Silva et al., 2007).

Na versão feminina, o seu contexto histórico em relação às principais competições (Jogos Olímpicos e Campeonatos Mundiais) apresenta diferenças em relação ao masculino em termos de participações e títulos ganhos.

Cabe destacar que, em 1940, segundo Guedes (2009), houve o primeiro campeonato feminino entre os estados, sagrando-se a seleção paulista campeã e sendo este um passo decisivo para a formação de uma equipe nacional, ou seja, a formação da primeira seleção brasileira feminina de basquetebol. O autor ainda informa que a inserção do basquetebol feminino nos Jogos Olímpicos só aconteceu em 1976, em Montreal, quarenta anos depois da inclusão do masculino que foi em 1936.

A inserção do basquetebol feminino nos Jogos Olímpicos só aconteceu em 1976, em Montreal, quarenta anos depois da inclusão do masculino que foi em 1936 (Guedes, 2009).

2.5 CURIOSIDADES DA MODALIDADE

Existem fatos curiosos a respeito do basquetebol feminino que são interessantes mencionar, como é o caso da sergipana Maria Feliciano dos Santos, ex-jogadora de basquetebol que foi durante muito tempo considerada a jogadora mais alta da história, medindo 2.25 metros, começando sua carreira aos vinte e cinco anos. Em termos de participações em jogos fez parte da seleção sergipana por dois anos, participou dos jogos da Confederação Brasileira de Desportos Universitários e participou também dos Jogos Universitários Brasileiros (Alves, 2003).

Outro caso interessante é da adolescente jamaicana Marvadene Anderson que é considerada nos dias atuais como a jogadora de basquete mais alta do mundo com apenas dezesseis anos e medindo 2.11 metros, sendo considerada para basquetebol feminino uma grande promessa (Seixas, 2010).

No que diz respeito à dinâmica de jogo, o mesmo era praticado entre duas equipes compostas por nove jogadores cada, no qual os jogadores deveriam usar as mãos para lançar a bola dentro de um alvo (cesto de pêssego) pré-estabelecido para pontuar. Para isso, os jogadores poderiam passar a bola uns para os outros, utilizando apenas as mãos, até que tivessem em uma posição favorável para lançá-la dentro do cesto fixado a três metros e cinco centímetros de altura (Freitas; Vieira, 2006).

Com o passar dos anos, diversas mudanças foram sendo realizadas nas regras, materiais e acessórios esportivos (bolas, aros, tabelas, tênis, meias, uniformes, etc.) (Boop, 2004).

No Brasil, o Basquetebol inicialmente despertou o interesse das mulheres, influenciando o público masculino a identificar esta prática esportiva como uma atividade feminina, o que contribuiu para que o esporte não fosse muito bem aceito pelos homens da época, que preferiam praticar o futebol que já era popular no país. (Freitas; Vieira, 2006).

Por fim, existem movimentos executados no basquetebol, que demandam de maiores níveis de força, como por exemplo, o salto para arremessos e rebotes (Santos, 2006, p.22). Mesmo fazendo a relativização da força (força máxima dividida pelo peso corporal), tem-se que as mulheres produzem menos força que os homens (Paiva e César, 2005).

2.6 O PROJETO SONHANDO ALTO DE BASQUETEBOL

O Projeto Sonhando Alto tem por finalidade o desenvolvimento do desporto educacional, por meio da modalidade basquetebol, para alunos da rede pública e privada de ensino da cidade de Araraquara, com a formação de 7 (sete) centros de prática desportiva em ambiente escolar e público.

O projeto atende de forma complementar crianças e adolescentes carentes e especiais, proporcionando uma iniciação esportiva sadia, desenvolvendo a socialização, o espírito de equipe, cooperação e principalmente abrangendo a inclusão social.

Os alunos inseridos no projeto são divididos por faixas etárias de forma não seletiva e sim inclusiva, sendo todos atendidos de forma igualitária. Os mesmos são atendidos por uma equipe multidisciplinar, onde além das aulas, também são oferecidas palestras rotineiras com temas sobre drogas, cuidados com higiene, organização familiar, saúde, ética, cidadania, sexualidade, comportamento e outros nos quais as crianças e os adolescentes enfrentam dificuldades pela idade e amadurecimento.

Por meio da prática esportiva, o projeto procura trabalhar não somente o físico, a saúde, mas também a cidadania, o respeito, a responsabilidade, a autoestima, o trabalho em grupo. Procura também garantir princípios como dignidade, autonomia, conhecimento e solidariedade.

O projeto é gerido pela Associação de Basquetebol de Araraquara (ABA), e mantido com o auxílio financeiro da lei paulista de incentivo ao esporte do Governo do Estado de São Paulo. Atualmente encontra-se em sua sexta edição e possui 450 alunos de ambos os gêneros, compreendendo a faixa etária de 6 a 17 anos de idade.

2.7 AVANÇOS DA MULHER NO CENÁRIO ESPORTIVO

No Brasil, como descrito anteriormente, as primeiras práticas esportivas realizadas por mulheres ocorreram na segunda metade do século XIX. A partir deste momento, modalidades como futebol, voleibol, basquetebol e atletismo, tornaram-se cada vez mais praticadas, possibilitando um significativo avanço na participação das mulheres em competições nacionais e internacionais, com alguns resultados expressivos, em especial, nos esportes coletivos.

No Brasil, o marco que projetou a inserção da mulher nos esportes foi a participação da nadadora paulista Maria Lenk, aos 17 anos de idade, nos Jogos Olímpicos de 1932 (Oliveira, et al., 2008).

No basquete, especificamente, foram campeãs mundiais em 1971 e não raras vezes figuraram entre as seis primeiras colocadas em campeonatos internacionais, inclusive nos Jogos Olímpicos (Cunha Jr. et al., 2003).

Dunning (1999) descreve que, provavelmente, as mulheres, ao buscarem o esporte, foram motivadas por: a) interesse em obter as satisfações miméticas, sociais e de mobilidade que se pode conseguir através do esporte, juntamente com os ganhos relacionados com a identidade e autoconceito que podem advir dessas atividades; b) igualdade de oportunidades como resultado das limitações impostas tradicionalmente aos papéis femininos.

A prática esportiva oferece um espaço para que as mulheres adquiram respeitabilidade e reconhecimento social, destruindo falsos estereótipos femininos associados à fraqueza física e psicológica (Alonso, 2003). Neste contexto, a mulher atleta simboliza a mulher contemporânea, possuindo atributos como perseverança e determinação, que caracterizam sua personalidade e capacidade de superação de limites.

Entretanto, no esporte de alto rendimento, as mulheres continuam deparando-se com vários tipos de diferenças, como salários, a forma de tratamento, ou seja, o estigma social que existe no meio esportivo marginalizando a mulher atleta, favorecendo a desigualdade social e esportiva. Além disso, os recursos advindos de patrocínios são direcionados quase que exclusivamente para as equipes masculinas; e a beleza física segue configurando-se como uma das premissas (veladas ou não) para a contratação, como ocorre na grande maioria dos clubes (Gregory, 2014).

3. METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo quanti-qualitativo, no qual buscou-se familiarizar a temática em questão, obtendo novos conhecimentos sobre a representação corporal e a discriminação do gênero feminino (relacionadas a inserção feminina em práticas esportivas), estudando as características da amostra (Kerlinger, 1980).

As participantes foram avaliadas por meio de inquéritos estruturados no formato de questionário de múltipla escolha, elaborado pelo pesquisador com objetivo de compreender como as alunas inseridas no projeto constroem a representação da imagem corporal.

Adicionalmente, a discriminação também foi um fator importante avaliado, pois estabelece impactos específicos na construção de imagem corporal das participantes.

Para avaliação da representação corporal das jovens voluntárias do projeto, foram estruturadas cinco questões de múltipla escolha (anexo 1), sendo uma delas de análise visual de sua silhueta (Kakeshita et al., 2009).

No que diz respeito a utilização de questionário como instrumento de investigação, um estudo apontou que os resultados obtidos podem não ser fidedignos, uma vez que,

podem mascarar o fenômeno avaliado, como exemplo em atletas, que podem não querer expressar seus verdadeiros sentimentos (Torstein, et al., 2005).

Em contrapartida, Smith (2008) ressalta que os questionários podem ser considerados padrão-ouro quando da avaliação de variáveis afetivas e comportamentais em grandes amostras.

3.1 Amostra

A amostra desse estudo foi constituída por 50 alunas do sexo feminino inseridas no Projeto Sonhando Alto de Basquetebol da cidade de Araraquara-SP, com faixa etária entre 12 e 17 anos.

Foi realizada uma reunião prévia com as alunas voluntárias e com seus respectivos responsáveis, para esclarecimento dos objetivos e metodologia da pesquisa. Ao término, os responsáveis preencheram uma ficha com seus dados pessoais e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), apresentado no apêndice 3.

3.2 Instrumento

Utilizou-se como instrumento de investigação, um questionário composto de 10 perguntas de múltipla escolha, abordando questões relacionadas a representação corporal e a discriminação de gênero e direcionadas às voluntárias.

Neste questionário, além de perguntas estruturadas, foi também utilizada a Escala de Silhueta de Kakeshita e colaboradores (2009), apresentada no apêndice 1.

É uma escala muito utilizada na Nutrição e na Psicologia para reconhecimento da imagem corporal e identificação de possíveis distúrbios. A versão apresentada foi

adaptada de acordo com o biótipo brasileiro, considerando as diferenças de etnia, gênero e faixa etária, além de aspectos culturais e sócio demográficos.

A escala apresenta-se em série ordenada ascendente, devendo a voluntária escolher “a figura que melhor representa seu tamanho atual” e a seguir “a figura que você gostaria de ter” (Laus et al, 2013 p.163-171).

Em caso de seleção da mesma figura, a voluntária é classificada como satisfeita com sua silhueta. Quando a figura escolhida como desejada for maior do que a escolhida como atual, considera-se que a voluntária quer aumentar o tamanho do seu corpo, e quando for menor, há um desejo de diminuí-lo (Laus et al, 2013).

As respostas às perguntas inseridas no questionário foram posteriormente analisadas e tabuladas pela pesquisadora.

Em relação a opção de utilização de questionário, o mesmo se apresenta como um instrumento importante, pela facilidade com que interroga um elevado número de pessoas. Segundo Gil (1999), pode ser definido como uma técnica de investigação que tem por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas e situações vivenciadas.

Lakatos e Marconi (2016) destacam algumas vantagens da utilização de questionários para coleta de dados como por exemplo: economia de tempo e obtenção de maior número de dados; abrangência de uma área geográfica mais ampla; economia pessoal, tanto em adestramento quanto em trabalho de campo; obtenção de respostas mais rápidas e mais precisas; liberdade de respostas, em razão do anonimato; segurança, pelo fato de as respostas não serem identificadas; uniformidade na avaliação, em virtude da natureza impessoal do instrumento.

O pesquisador necessita conhecer bem o assunto e ter cuidado na elaboração e na seleção das questões, devendo considerar sua importância para o estudo, de maneira a oferecer condições de obter informações válidas (Lakatos; Marconi,2016).

3.3 Procedimentos da coleta de dados

A coleta de dados foi realizada em ambiente escolar, especificamente nos locais de treinamento credenciados para a execução do Projeto Sonhando Alto de Basquetebol, totalizando 6 polos de treinamento.

O questionário foi preenchido de forma individual pelas voluntárias, sempre nos horários de treinamento das mesmas.

Fora utilizada uma sala para preenchimento do questionário, onde apenas a pesquisadora e a voluntária permaneciam na mesma. Neste período foram possibilitados os esclarecimentos adicionais por parte da pesquisadora, evitando assim, qualquer constrangimento.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No contexto histórico da discriminação do gênero nas diversas perspectivas (culturais, sociais e esportivas), a percepção de desigualdades, especialmente em relação a participação feminina, parece evidente e tem sido alvo de estudos que buscam compreender as relações de poder e gênero envolvidas. (Oliveira et al., 2008; Valporto, 2006).

Em nosso estudo, buscamos identificar por meio de questionário como se dá a representação corporal e a possível existência de discriminação de gênero, em jovens

meninas inseridas socialmente no Projeto Sonhando Alto de Basquetebol da cidade de Araraquara/SP.

Em relação à representação corporal, os resultados do presente estudo apontam que a maioria das alunas investigadas relatam possuir um corpo feio ou frágil e também demonstram insatisfação em relação ao seu corpo e à sua silhueta, caracterizando uma maior insatisfação às influências de estereótipos sociais.

A tabela 1 apresenta os resultados coletados referentes ao conhecimento do conceito de representação corporal por parte das alunas investigadas. Do total de respostas obtidas, 64% das alunas optaram pela alternativa correta, que descreve a representação corporal como sendo a maneira como nos vemos.

Tabela 1. Resultados referentes ao conhecimento do conceito de representação corporal por parte das alunas investigadas (n=50).

Alternativas	n	%
Como nos veem	8	16
Como nos vemos	32	64
Como nos sentimos	4	8
Como somos observadas	3	6
Como poderíamos ser	3	6

Os dados estão expressos em número (n) e porcentagem (%) de repostas para cada alternativa.

Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Já, a tabela 2 apresenta os resultados referentes à segunda pergunta inserida no questionário, na qual as participantes optaram pela alternativa que melhor representa o seu próprio corpo. Do total de respostas obtidas, 52% das alunas assinalaram a alternativa que descreve possuir um corpo feio e 26% optaram por um corpo frágil.

Tabela 2. Resultados referentes a representação do próprio corpo por parte das alunas avaliadas (n=50).

Alternativas	n	%
Jovem	8	16
Bonito	3	6
Atlético	0	0
Feio	26	52
Frágil	13	26

Os dados estão expressos em número (n) e porcentagem (%) de repostas para cada alternativa.

Fonte: elaborado pela pesquisadora.

De acordo com Novaes et al (2008), a atitude de se sentir feio ou de atribuir feiura ao outro, revelam maneiras na forma de lidar com o corpo, que por sua vez, produz vínculos sociais até então não evidenciados. Para as autoras, a feiura é uma forma de exclusão social feminina, uma vez que, a imagem da mulher continua associada a padrões estéticos pré-estabelecidos pela sociedade, havendo baixa tolerância a desvio de padrões.

Nesta perspectiva, Castilho (2001) afirma que quanto mais as pessoas investem na aparência, mais vulneráveis se tornam à uma imagem corporal negativa e aos incômodos a ela relacionados.

No que diz respeito ao relato de possuírem um corpo frágil, relatado neste estudo, o mesmo corrobora com os achados do estudo de Cruz e Palmeira (2009), no qual os autores descrevem que historicamente a mulher foi tachada como um ser dócil pela sociedade e não possuidora dos atributos necessários para prática esportiva, sendo esta prática exclusivamente masculina.

A tabela 3 apresenta os resultados referentes à terceira pergunta inserida no questionário, a como as participantes se sentem ao observarem seus próprios corpos. Do

total de respostas obtidas, 60% das alunas relataram estar insatisfeitas com seu próprio corpo e 26% relataram estar nem satisfeitas e nem insatisfeitas.

Tabela 3. Resultados referentes a satisfação das alunas na observação seus próprios corpos (n=50).

Alternativas	n	%
Muito Satisfeita	2	4
Satisfeita	1	2
Pouco Satisfeita	4	8
Insatisfeita	30	60
Nem insatisfeita e nem satisfeita	13	26

Os dados estão expressos em número (n) e porcentagem (%) de repostas para cada alternativa.

Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Já, a tabela 4 apresenta os resultados referentes à quarta pergunta inserida no questionário que buscou avaliar o que desperta a atenção das participantes deste estudo em relação a suas companheiras, durante a prática esportiva. Do total de respostas obtidas, 40% das alunas relataram despertar sua atenção o corpo da companheira, 26% relataram o cabelo e 26% a vestimenta.

Tabela 4. Resultados referentes ao que desperta a atenção das participantes deste estudo em relação às suas companheiras, durante a prática esportiva (n=50).

Alternativas	n	%
Corpo	20	40
Cabelo	13	26
Vestimenta	13	26
Atitudes	2	4
Comportamento	2	4

Os dados estão expressos em número (n) e porcentagem (%) de repostas para cada alternativa.

Fonte: elaborado pela pesquisadora.

A quinta e última pergunta inserida no questionário de avaliação da representação corporal das jovens inseridas no projeto, apresentou uma escala de silhueta para que cada uma das alunas pudesse escolher a imagem que melhor representava sua silhueta atual e também a que consideravam como sendo a ideal.

Em relação ao contentamento das jovens com seu próprio corpo e silhueta, as respostas obtidas apontam uma insatisfação com ambos, como demonstrado na tabela 4 e na escala de silhueta. De fato, 82% das alunas relataram não estarem satisfeitas com sua imagem corporal e atribuíram valores diferentes na escala de silhueta para a imagem corporal atual e a que consideram ideal.

Corroborando com os nossos achados, um estudo realizado com jovens mulheres do estado do Rio de Janeiro, constatou que a preocupação com a aparência se tornou uma inquietação constante nesse público, provocando permanente insatisfação com o próprio corpo (Goldenberg, 2004).

Uma das características peculiares observadas na cultura contemporânea é a insatisfação dos jovens com seu corpo (Levine; Smolak, 2004). O enfoque dado pela sociedade ao padrão feminino corporal, atualmente embasa-se na magreza, transformando o corpo em um objeto de manipulação e projeção de desejo.

Para avaliação da discriminação do gênero feminino nas práticas esportivas e a constatação desta nas voluntárias inseridas no Projeto Sonhando Alto de Basquetebol, foram também estruturadas cinco questões de múltipla escolha, apresentadas no anexo 2.

A tabela 5 apresenta os resultados obtidos na amostra das jovens do Projeto Sonhando Alto de Basquetebol no que diz respeito a crença das mesmas em relação a existência de discriminação de gênero na modalidade basquetebol feminino. Do total das jovens avaliadas, 66% responderam que sempre existiu tal discriminação no basquete feminino, enquanto que uma minoria (2%) respondeu não saber da existência ou então não existir.

Tabela 5. Resultados referentes a crença das alunas inseridas no Projeto Sonhando Alto de Basquetebol em relação a existência da discriminação de gênero na modalidade basquetebol feminino (n=50).

Alternativas	n	%
Sempre existiu	33	66
Sim	4	8
Talvez	12	24
Não	0	0
Não sei	1	2

Os dados estão expressos em número (n) e porcentagem (%) de repostas para cada alternativa.

Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Em relação a discriminação do gênero feminino na modalidade basquetebol, os resultados do presente estudo apontam a existência de tal discriminação, demonstrando perdurar a luta feminina por igualdade de direitos e oportunidades.

Nossos achados corroboram com o estudo realizado por Rutland e colaboradores (2010) que afirmaram não ser nova esta questão da desigualdade e que a mesma se dá em diversos contextos.

A discriminação permanece presente na vida das atletas e de acordo com Zaluar (1991) o fenômeno da discriminação no esporte também pode ser caracterizado quando um ou vários atores agem de forma direta ou indireta, maciça ou esparsamente, causando incursão a uma ou mais pessoas, mesmo que em graus variáveis em sua integridade física, moral, material ou em suas participações simbólicas e culturais, a exemplo do esporte.

Na tabela 6, estão apresentados os resultados relacionados ao comportamento familiar no que diz respeito a aceitação e incentivo fornecido às jovens em relação a participação feminina na modalidade basquetebol. Os resultados evidenciam um equilíbrio entre incentivo (44%) e ausência do mesmo (38%) por parte de seus familiares. Adicionalmente, uma pequena parcela das meninas relatou aceitação da família (18%).

Tabela 6. Resultados referentes ao comportamento dos familiares das alunas inseridas no Projeto Sonhando Alto de Basquetebol em relação a participação feminina na modalidade basquetebol (n=50).

Alternativas	n	%
Aceita	9	18
Não aceita	0	0
Incentiva	22	44
Não incentiva	19	38
Repreende	0	0

Os dados estão expressos em número (n) e porcentagem (%) de repostas para cada alternativa.

Fonte: elaborado pela pesquisadora.

A rejeição feminina e as diferenças de gênero demonstram estar mais presentes do que a aceitação, especialmente nos esportes (Gilenstam, et al., 2007; Pfistera, 2010).

No caso das jovens avaliadas no presente estudo, 38% delas não foram incentivadas a prática do basquetebol, principalmente, por ser esta uma modalidade esportiva com predominância de capacidades físicas como força e potência que são atributos considerados masculinos, especialmente em uma sociedade preconceituosa.

Já, na tabela 7, estão apresentados os resultados relacionados à proibição de participação, por parte dos familiares das alunas, do Projeto Sonhando Alto de Basquetebol.

Os resultados demonstraram que para 96% das alunas não houve nenhum tipo de proibição de participação pelos familiares no projeto de basquetebol. Entretanto, para 4% do total das jovens avaliadas, houve inicialmente proibição paterna que acabou sendo contornada pelos demais membros da família.

Tabela 7. Resultados referentes à proibição de participação das alunas por parte de seus familiares do Projeto Sonhando Alto de Basquetebol (n=50).

Alternativas	n	%
Mãe	0	0
Pai	2	4
Avós	0	0
Tios	0	0
Não houve proibição	48	96

Os dados estão expressos em número (n) e porcentagem (%) de repostas para cada alternativa.

Fonte: elaborado pela pesquisadora.

No que diz respeito às jovens inseridas no projeto terem vivenciado alguma situação de preconceito no basquetebol, a tabela 8 apresenta as respostas obtidas. Os resultados demonstram que boa parte das alunas do projeto relatam em suas respostas já terem vivenciado situações de preconceito no basquetebol (n=36). Também fora relatada não recordação de tal preconceito (n=13) e apenas 1 aluna optou pela resposta de não ter vivenciado.

Tabela 8. Resultados referentes à vivência das alunas do projeto em situações preconceituosas na modalidade basquetebol (n=50).

Alternativas	n	%
Poucas vezes	14	28
Não	1	2
Não recordo	13	26
Várias vezes	3	6
Uma única vez	19	38

Os dados estão expressos em número (n) e porcentagem (%) de repostas para cada alternativa.

Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Por fim, a tabela 9 apresenta as respostas das alunas do Projeto Sonhando Alto de Basquetebol, sobre já terem sofrido algum tipo de preconceito nas atividades desenvolvidas pelo projeto em questão. Os resultados demonstram que 58% das meninas voluntárias (n=29) relatam já ter sofrido algum tipo de preconceito durante as atividades do Projeto Sonhando Alto. Além disso, um total de 38% de meninas (n=19) optaram por não relatar sobre o questionamento.

Tabela 9. Resultados referentes à algum tipo de preconceito direto sofrido pelas alunas durante as atividades propostas pelo do Projeto Sonhando Alto (n=50).

Alternativas	n	%
Sim	18	36
Não	2	4
Não quero relatar	19	38
Várias vezes	4	8
Uma única vez	7	14

Os dados estão expressos em número (n) e porcentagem (%) de repostas para cada alternativa.

Fonte: elaborado pela pesquisadora.

Quando questionadas sobre a vivência de alguma situação preconceituosa no âmbito esportivo, as jovens em sua maioria relataram já terem vivenciado situações de preconceito no esporte. Além disso, muitas relataram já terem sofrido diretamente tal preconceito durante as atividades propostas pelo projeto social.

De fato, a mulher dentro de casa normalmente passa a ser rotulada pela família. Estes rótulos são carregados de simbolismos negativos, preconceitos estigmatizantes, sendo transmitidos de geração para geração e também para o âmbito esportivo, apesar de todas as conquistas da humanidade (Strey, 2002).

Adicionalmente, Bourdieu (2007), afirma que o preconceito nem sempre é evidente, e sim, camuflado a tal ponto que muitas vezes os que sofrem não o percebem.

Sob a perspectiva da participação feminina no basquetebol e a aceitação/ incentivo por parte dos familiares, os resultados deste estudo demonstram um equilíbrio nas respostas. É bem verdade que os pais deveriam facilitar as situações e os momentos que motivem os filhos às práticas esportivas, inculcando o espírito do desfrute pelas atividades

esportivas acima de qualquer interesse, facilitando as experiências positivas que o esporte infantil pode proporcionar. (Sanmatin, 1995).

Entretanto, a discriminação tem preconceitos enraizados e ainda presentes na vida das atletas, sendo demonstrado pela criação de um estereótipo masculinizado que é reforçado pela sociedade e pelos próprios familiares, como evidenciado no presente estudo. Portanto, a luta contra os preconceitos e a discriminação do gênero feminino permanece relevante na busca pelo respeito e igualdade, sendo esta batalha replicada também para as práticas esportivas, incluindo o basquetebol.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A representação corporal em atletas da modalidade basquetebol feminino capta experiências que compõem as vivências relativas ao corpo, através de expressões, falas, trejeitos e vestimentas.

Pôde-se observar que as jovens participantes estabelecem com o corpo uma relação estética, visto que os padrões de beleza culturalmente estabelecidos balizam a percepção corporal.

A construção social deste corpo como um sinônimo de representação corporal, demonstrou possuir intenção exclusivamente de imitação de outras colegas para suas próprias satisfações.

De fato, com a maturação física e emocional, os jovens começam a se identificar mais intensamente com os estereótipos de seus pares, querendo igualar-se ao mesmo (Hill; Lynch, 1983).

Nesse momento, a insatisfação corporal passa a ser evidente podendo até ser patológica em alguns casos.

Em relação à discriminação indireta de gênero, especialmente nas práticas esportivas, perpetuam ainda padrões culturais e tipos físicos que são impostos pela sociedade.

Fica evidente que as mulheres são categoricamente tachadas como fisicamente frágeis e que seu corpo é dotado de docilidade e sentimentos afetivos.

Estas imposições acabam atuando como selecionadoras, pois evidenciam padrões que determinam quem pode ou não se engajar em uma determinada modalidade esportiva, manipulando e desrespeitando, muitas vezes, os direitos feminino.

No basquete feminino, especificamente, todos os dias, mulheres no mundo todo enfrentam obstáculos de participação pelo simples fato de serem mulheres. Associado a

este preconceito, podemos também destacar a baixa visibilidade e valorização das atletas, a falta de apoio, investimentos e conseqüentemente oportunidades, que são características da modalidade em questão.

Na contramão dos fatores acima elencados, projetos sociais buscam desmistificar esta realidade por meio de divulgação da modalidade esportiva e incentivo a sua prática, sendo esta, uma importante ferramenta na formação do cidadão.

REFERÊNCIAS

- Aberastury, A. (Org.) (1990). *Adolescência*. (6ª ed.). (R. Cabral, trad.). Porto Alegre: Artmed.
- Adelman, M. (2003) *Mulheres Atletas: re-significações da corporalidade feminina*. *Revista Estudos Feministas*. 11(2), 360-366.
- Adelman, M. *Mulheres no esporte: corporalidades subjetividades*. *Movimento* Porto Alegre, v. 12, n. 1, p. 11-29, dez. 2007.
- Alonso, L. Mulher, corpo e mitos no esporte. In: Simões, A.C. (Org.). *A mulher e esporte: mitos e verdades*. São Paulo: Manole, 2003. p.35-47.
- Alonso, L. K. (2003) *mulher, corpo e mitos no esporte*. In.: A. C. Simões *mulher e esporte – Mitos e Verdades*: São Paulo: Manole
- Assis SG, Avanci JQ, Silva CMFP, Malaquias JV, Santos NC, Oliveira RVC. *A representação social do ser adolescente: um passo decisivo na promoção da saúde*. *Ciência & Saúde Coletiva*. 2003; 8(3):669-680
- Ato, M.; López, J.; Benavente, A. Un sistema de clasificación de los diseños de investigación en psicología. *Anales de Psicología*, v29, n3, p.1038-1059, 2013.
- Barbosa, M. R., Matos, P. M., & Costa, M. E. (2011). *As Relações de Vinculação e a Imagem Corporal: Exploração de um Modelo*. *Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 27(3), 273-282.
- Batista, R.; Deive, F. *Mulheres, futebol e gênero: reflexões sobre a participação feminina numa área de reserva masculina*. *EFDeportes.com*, Buenos Aires, v. 14, n 137, 2009.
- Becker, H. S. *Outsiders: estudos de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- Becker J. B. *Manual de Psicologia aplicada ao Exercício & Esporte*. Porto Alegre: Edelbra. 1999.
- Beneli, L. M. *Basquetebol masculino paulista: apropriação das características do esporte profissional na estrutura organizacional das categorias de base*. 2007, Dissertação (Mestrado), 158p. Campinas: Unicamp, São Paulo, 2007.
- Boltanski L. *As classes sociais e o corpo*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Graal; 1989.

- Boop, M. (2004). *Almanaque do melhor basquete do mundo*. Panda Books, 2004.
- Bordo, S. (1997a). *O corpo e a reprodução da feminidade: uma reapropriação feminista* de Foucault In Jaggar, A., & Bordo, S. (Orgs.). *Gênero, corpo, conhecimento*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.
- Bourdieu P. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; 2007.
- Bourdieu, P. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- Bourdieu P. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 1997.
- Brasil, Congresso Nacional. Câmara dos Deputados. Comissão de Turismo e Desporto. *Participação das mulheres no esporte*. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2013.
- Calligaris, C. (2000). *A adolescência*. São Paulo: Publifolha.
- Campagna, V. N.; Souza, A.L. *Corpo e imagem corporal no início da adolescência feminina*. *Boletim de Psicologia* v.55 n.124 São Paulo, 2006.
- Campos, I. G. *A influência da mídia sobre o ser humano na relação com o corpo e a auto-imagem de adolescentes*. (Dissertação de mestrado), 2008.
- Cash TF. *Cognitive-behavioral perspectives on body image*. In: Cash TF, editor. *Encyclopedia of body image and human appearance*. Oxford: Elsevier; 2012. p. 334- 342.
- Castilho, S. M. *A Imagem Corporal*. Santo André: estec editores associados. 2001
- Chipkevitch, E.; *O adolescente e o corpo*, *Pediatria Moderna*, v. 23, n.6, p. 231-237, jul.ago., 1987.
- Claudio D. S., Francisco J. M.G., Suraya C. D. *A prática do basquetebol por meninas nas aulas de educação física escolar no município de volta redonda: a visão dos professores*. *Motricidade*, v.11, n. 2, p. 36-47, 2015.
- Confederação Brasileira de Basquete. www.cbb.com.br *A História Oficial do Basquete*. Acessado em 10/11/2020.
- Cruz, M. M. S., & Palmeira, F. C. C. (2009). *Construção de identidade de gênero da física escolar*. *Motriz*, 15(1), 116–131.
- Cury, A. (2005). *A ditadura da beleza e a revolução das mulheres*. Rio de Janeiro: Sextante.

- Damasceno, V.O; Lima, J.R.P; Vianna, J.M; Vianna, V.R.A; Novaes, J.S.*Tipo físico ideal e satisfação com a imagem corporal de praticantes de caminhada*.Revista Brasileira. Medicina no Esporte. v.11, n.3, mai/jun. 2005.
- Damasceno, V. O.; Vianna, V. R. A.; Vianna, J. M.; Lacio, M.; Lima, J. R. P.; Novaes, J. S. *Imagem corporal e corpo ideal*. R bras Ci e Mov. Vol. 14. Núm. 1. p. 87-96. 2006.
- Darido, Suraya Cristina. *A prática do basquetebol por meninas nas aulas de educação física escolar no município de volta redonda: a visão dos professores*. Motricidade, v. 11, n. 2, p. 36-47, 2015. Em: Rodrigues, H. de A., & Darido, S. C. *The textbook in school Physical Education: a vision of teachers*. Motriz, 17(1), 48–62, 2011.
- Devide, F. P. (2003). *História das mulheres na natação brasileira no século XX: Das adequações às resistências sociais* (Tese de Doutorado). Universidade Gama Filho.
- Devide, F. P. (2002) *História das mulheres nos Jogos Olímpicos Modernos*. In.: M. Turini e L. DaCosta (orgs) *Coletânea de Estudos Olímpicos*. Rio de Janeiro: UGF, vol. 2.
- De frantz, A. (1997). *The Changing Role of Women in the Olympic Games*. Trabalho apresentado na 37ª Sessão Internacional para Jovens Participantes - IOA Report, Ancient Olympia.
- Dohnt h, Tiggemann M. *The Contribution of Peer and Media Influences to the Development of Body Satisfaction and Self-Esteem in Young Girls: A Prospective Study*. *Developmental Psychology* 2006; 42(5):929-936
- Dunning, E. *Sport as a male preserve: notes on the social sources of masculine identity and its transformations*. Pp. 163-178, In *Women, sport, and culture*, Champain: Human Kinetics, 1994, (p.163-178).
- Festle, M.J. (1996). *Playing Nice: politics and apologies in Women's Sports*. New York: Columbia University Press
- Formiga, S. (2009) *O design do corpo como determinante da identidade feminina*. Projeto para o Doutorado em Design.

- Freitas, A.; Vieira, S. (2006). *O que é basquete: história, regras, curiosidades*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2006.
- Freitas, S. (2003) *Mulher: fonte e instrumento do poder*. In.: Simões, A. C. (org) *Mulher e Esporte Mitos e Verdades*: São Paulo: Manole, p.49-68.
- Gallahue, L. D.; Ozmun, J. C. *Compreendendo o Desenvolvimento Motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos*. 3. ed. São Paulo: Phorte, 2005. 586p.
- Gherardi, S. (1994). *The gender we think the gender we do in our everyday organizational lives*. Human Relations, 47(6), 591-611.
- Gil, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- Gilenstam, K., Karp, S., & Henriksson-Larsen, K. (2007). Gender in ice hockey: Women in a male territory. *Scandinavian Journal of Medicine and Science in Sports*, 18(2), 235-249.
- Goellner, S. V. A produção cultural do corpo. In: Louro, Guacira (Org.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- Goellner, S. V. *Mulher e esporte no Brasil: Entre incentivos e interdições elas fazem história*. *Pensar a prática*, v. 8, n. 1, p. 85-100, jan./jun. 2005.
- Goellner, S. V. *O esporte e a cultura fitness como espaços de generificação dos corpos*. In: Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, 15. 2007, Recife; Congresso Internacional de Ciências do esporte 2007. Recife. Anais Recife: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 2007.
- Gomes, G.R.; Caramaschi, S. *Valorização de beleza e inteligência por adolescentes de diferentes classes sociais*. *Rev. Psicologia em Estudo*, Maringá, v.12, n.2, p.295-303, maio/ago. 2007.
- Goldenberg, M. *De perto ninguém é normal: estudos sobre corpo, sexualidade gênero e desvio na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- Gregory, B. H. M. *Esporte e lazer: direitos de meninas e mulheres de todas as idades*. In: Brasil. Presidência da República. Secretaria de Políticas para as Mulheres. Edição Especial da Revista do Observatório *Brasil da Igualdade de Gênero*. 1ª impressão. Brasília: Secretaria de Políticas para as Mulheres, p.11-14, 2014.

- Hart, E. A. (2003). *Avaliando a Imagem Corporal*. In *Medidas e Avaliação em Educação Física e Esportes* de Barrow & McGee (pp.457-488) São Paulo: Ed. Manole.
- Hurlock, E.B. (1979). *Desenvolvimento do adolescente*. São Paulo: MC Graw Hill.
- Jaeger, A. A. Gênero, esporte e mulheres. In: *Movimento*. Porto Alegre, v. 12, nº 01, p.199-210, jan/abr de 2006.
- Kakeshita, I. S., Silva, A. I. P., Zanatta, D. P., & Almeida, S. S. (2009). *Construção e fidedignidade teste reteste de escalas de silhuetas brasileiras para adultos e crianças*. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 25(2), 263–270
- Kerlinger, F. N. (1980). *Metodologia da Pesquisa em Ciências Sociais, um tratamento conceitual*. São Paulo: Editora EPU.
- Knijnik, J.D. *A mulher brasileira e o esporte: seu corpo, sua história*. São Paulo: Mackenzie, 2003.
- Kuczinski, E. (1998). Evolução puberal. In: F. B. Assunção Jr. & E. Kuczinski (Orgs.), *Adolescência normal e patológica*. (pg 25-32). São Paulo: Lemos.
- Lakatos, E. M.; Marconi, M. A. *Fundamentos de metodologia científica*. 7ª ed. São Paulo: Atlas, 2016.
- Levine, M. P.; Smolak, L. *Body Image Development in Adolescence*. In: Cash T. F.; Pruzinsky, T. (Org.). *Body Image: a handbook of theory, research, & clinical practice*. New York: The Guilford Press, 2004. p. 74-82.
- Lourenção Van Kolck, O. & Neder, C. R. (1991). *A imagem corporal em tentativas de suicídio por ingestão de substâncias cáusticas*. *Revista Brasileira de Pesquisa em Psicologia*, 3 (3), 39-45.
- Louro, G. L. (1997). *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Louro, G. L. (2000). Corpo, escola e identidade. *Educação e Realidade*, 25(2), 59-75.
- Louro, G. L. *Gênero, história e educação: construção e desconstrução*. *Educação e Realidade*. v.20 n.2, p.101-132. Campinas: 1995 (edição revisada).

- Louro, G.L. (2001). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica
- Martin, E. *A mulher no corpo: uma análise cultural da reprodução*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.
- Moreira, W. W. *Corporeidade e lazer: a perda do sentimento de culpa*. Revista Brasileira de Ciência e Movimento, v. 11, n. 3, p. 85-90, 2003.
- Oliveira, F.P; Bosi, M.L.M; Vigário, P.S; Vieira, R.S. *Comportamento alimentar e imagem corporal em atletas*. Rev. Bras. Med. Esporte. v.9, n.6, nov./dez. 2003.
- Oliveira, G., Cherem, E. H. L., & Tubino, M. J. G. *A inserção histórica da mulher no esporte*. Revista Brasileira de Ciência e Movimento, 16(2), 117-125, 2008.
- Paiva, N. A.; CÉSAR, M. C. Avaliação da composição corporal de atletas de basquetebol do sexo masculino participantes da liga nacional 2003. *Rev Bras Cineantropom Des Hum* v. 7, n. 1, p. 35-44, 2005.
- Penna, L. (1989). *Corpo sofrido e mal-amado: as experiências da mulher com o próprio corpo*. São Paulo: Summus.
- Pfister, G. (2010). *Women in sport - gender relations and future perspectives*. Sport in Society: Cultures, Commerce, Media, Politics, 13(2), 234-248.
- Rago, M. *Trabalho Feminino e Sexualidade. História das mulheres no Brasil*. IN: Priore, Mary Del (Org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2007, p. 578-606.
- Romariz, S. B., Devede, F. P., & Votre, S. (2007). *Atleta substantivo feminino: as mulheres brasileiras nos jogos olímpicos*. Movimento, 13(1), 207-216.
- Rubio, K.; Simões, A. C. (1999). *De espectadoras a protagonistas: a conquista do espaço esportivo pelas mulheres*. Revista Movimento. V (11), 50-55.
- Russo, R. *Imagem corporal: construção através da cultura do belo*. Revista. Movimento & Percepção, Espírito Santo de Pinhal, SP, v.5, n.6, jan./jun. 2005.

- Rutland, A., Killen, M., & Abrams, D. (2010). *A new social-cognitive developmental perspective on prejudice the interplay between morality and group identity*. *Perspectives on Psychological Science*, 5(3), 279-291.
- Sanmartin, M.G. *Valores sociales y deporte*. Madrid, Editorial Gymnos, 1995.
- Santaella L. *Corpo e comunicação: sintoma da cultura*. São Paulo: Paulus; 2004.
- Santos, F. V. *Relacionamento entre alguns tipos de força e a velocidade de deslocamento em jogadores de basquetebol juvenil*. 2006, 61p. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Federal do Paraná.
- Santos, A. S. *Offensive Basquetebol Fitness Test: sugestão de um novo teste para avaliar atletas de basquetebol*. Monografia. Universidade Federal de Sergipe. 2009.
- Schilder, P. (1977). *A imagem do corpo*. Buenos Aires: Paidós.
- Schilder, P. *A Imagem do Corpo: as energias construtivas da psique*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. 406p.
- Scott, J. (1995). *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. *Educação e realidade*, Porto Alegre, v. 20, nº 2, 71-99.
- Seixas, J. *Marvadene 'Bubbles', a menina com 2,11 metros*. 2010. Acessado em 10/11/2020
- Silva, A.S.; Abdalla, R.J.; Fisberg, M. *Incidência de lesões músculos esqueléticas em atletas de elite do basquetebol feminino*. *Acta Ortop Brasil*, v. 15, n.1, p. 43-6, 2007.
- Silva, C.C; Goldberg, T.B.L; Teixeira, A.S; Dalmas, J.C. *Mineralização óssea em adolescentes do sexo masculino: anos críticos para a aquisição da massa óssea*. *Jornal de Pediatria*. v.80, n.6, 2004.
- Silva, F.S.; Alves, J.F. *Drogas e considerações na imagem corporal na adolescência: uma revisão de literatura*. Trabalho de conclusão de curso em licenciatura plena, pelo Instituto Adventista São Paulo – IASP. Hortolândia/SP, 2007.127p.

- Smith A, Petrie T. *Reducing the risk disordered eating among female athletes: a test of alternative interventions*. J Appl Sport Psychol. 2008;20(2):392-407. Darido, Suraya Cristina. *A prática do basquetebol por meninas nas aulas de educação*
- Soares, A. J. G. (1997). *Velhos esportistas: Utilidade e estética*. Motus Corporis, 4(2), 102-120.
- Sorensen TIA, Stunkard AJ. *Does obesity run infamilies because of genes? An adoption study using silhouettes as a measure of obesity*. Acta Psychiatr Scand. 1993.
- Strey, M.N. (2002). *Aprendendo a ser inferior: as hierarquias de gênero* In Strey, M.N., Lyra, A.V., & Ximenes, L.M.S. (Orgs.). *Gênero e questões culturais: a vida de mulheres e homens na cultura*. Recife: Universitária.
- Souza, E. G. R. S.; Ramos, M. R. F.; Barbosa, M. V.; Devides, F. P. Capoeira: *Um conteúdo nas aulas de Educação Física escolar*. In: Osborne, R.; Silva, C. A. F.; Santos, R.F. *Complexidade da educação física escolar*. Rio de Janeiro: Lamparina/ Faperj, 2013. p. 88-103.
- Taub, A.; Andreoli, P. B. A. (Org). *Guia para a Família: Cuidando da pessoa com problemas relacionados com álcool e outras drogas*. São Paulo: Atheneu, 2004.96p.
- Tavares, M. C. G. C. F. *Imagem corporal: Conceito e desenvolvimento* Manole. 2003.
- Teixeira JR, Jobber, *Mulheres no Futebol: A inclusão do Charme*.1.Ed. Brasul Gráfica, Porto Alegre, RS. 2006.
- Thompson, J. K.; Coovert, M. D.; Stormer, S. *Body image, social comparison, and eating disturbance: A covariance structure modeling investigation*. International Journal of Eating Disorders. Vol. 26. p.43-51. 1999.
- Tubino, M. J. G. *Esporte e Cultura física*. São Paulo: Ibrasa, 1992.
- Tubino M. J. G. *500 anos de legislação esportiva brasileira: da Brasil colônia ao início do século XXI*. Rio de Janeiro (RJ): Shape; 2002.
- Tubino, M. J. G. *Estudos brasileiros sobre o esporte: ênfase no esporte-educação*. Maringá : Eduem, 2010.
- Valporto, O. (2006). *Atleta, substantivo feminino: As mulheres brasileiras nos jogos olímpicos*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra.

- Vertinsky, P. (2010). On being a feminist sport historian. *Thirdspace: A journal of feminist theory & culture*, 9(2), 1-9
- Viana, H. B. *Atividade Física, Envelhecimento e Imagem Corporal*. (Capítulo 13), In, TAVARES, M. C. G. C. F.(Org). *O Dinamismo da Imagem Corporal*. São Paulo: Phorte, 2007. 240p.
- Vilardi, T.C.C; Ribeiro, B.G; Soares, E.A. *Distúrbio nutricionais em atletas femininas e suas inter-relações*. Revista de Nutrição. Campinas, 14(1): 61- 69, jan./abr., 2001.
- Weil, P.; Tompakow, R. *O Corpo Fala: a linguagem silenciosa da comunicação não verbal*. 40. ed. Petrópolis: Vozes,1986. 288p.
- Zaluar, Alba. *O Esporte na Educação e na Política Pública*. R. Educação & Sociedade. Ano XII abril. Campinas: Papyrus, 1991.

Apêndice 1

Questionário de avaliação da representação corporal

Dados Pessoais

Idade: _____ Ano escolar: _____

Pergunta 1. O que você entende por representação corporal?

- () como as pessoas nos veem
- () como nos vemos
- () como nos sentimos
- () como somos observadas
- () como poderíamos ser

Pergunta 2. Como você representa o seu corpo?

- () jovem
- () bonito
- () atlético
- () feio
- () frágil

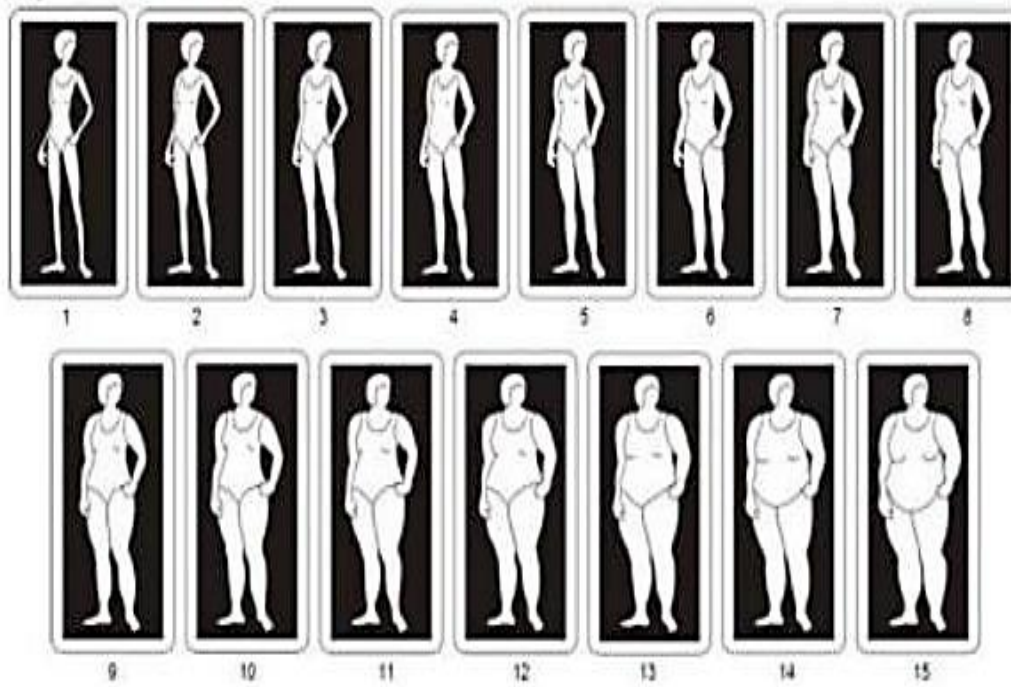
Pergunta 3. Como você se sente ao observar seu corpo?

- () satisfeita
- () pouco satisfeita
- () insatisfeita
- () muito satisfeita
- () nem satisfeita, nem insatisfeita

Pergunta 4. Em relação a suas amigas, o que mais lhe chama a atenção durante a prática esportiva?

- () corpo
- () cabelo
- () vestimenta
- () atitudes
- () comportamentos

Pergunta 5. Observe a figura abaixo e represente através de números, que tipo de **silhueta corporal** você possui e qual aquela que você considera **a silhueta ideal**:



Sua silhueta: (colocar o número)

Silhueta ideal: (colocar o número)

Apêndice 2**Questionário de avaliação da discriminação do gênero feminino**

Dados Pessoais

Idade: _____ Ano escolar: _____

Pergunta 1. Você acredita que a discriminação de gênero existe no basquetebol feminino?

- Sim
- Não
- Talvez
- Não sei
- Sempre existiu

Pergunta 2. Como se comporta sua família em relação à participação de uma mulher na modalidade basquetebol?

- Aceita
- Não aceita
- Incentiva
- Não Incentiva
- Repreende

Pergunta 3. Na sua família alguém tentou proibir seu ingresso no basquetebol?

- Mãe
- Pai
- Avós
- Tios
- Não houve proibição

Pergunta 4. Você já presenciou no basquetebol alguma situação de preconceito?

- Poucas vezes
- Não
- Não me recordo
- Várias vezes
- Somente uma vez

Pergunta 5. Você já sofreu algum preconceito durante as atividades propostas pelo do Projeto Sonhando Alto?

- Sim
- Não
- Não quero relatar
- Várias vezes
- Somente uma vez

Apêndice 3

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Nome: _____,

RG: _____

Sua filha está sendo convidada a participar do projeto de pesquisa intitulado como: **A representação corporal e a discriminação de gênero em meninas participantes de um projeto social de basquetebol da cidade de Araraquara – SP.**

O projeto tem por objetivo analisar como as alunas constroem a representação de sua imagem corporal e também investigar a existência da discriminação do gênero feminino na modalidade basquetebol.

Os resultados contribuirão para compreensão da realidade que envolvem as alunas inseridas no projeto, como forma de obter novos conhecimentos para a pesquisa em questão.

As informações serão sigilosas respeitando a privacidade, ou seja, o nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma ser exposta.

A recusa da participação, a retirada do consentimento ou interrupção da participação pode ser feita a qualquer momento, sem que você e sua filha sejam prejudicadas ou penalizadas.

A participação é de forma voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer repreensão.

Os dados da pesquisa serão unicamente para fins acadêmicos, ou seja, em veículos de divulgação científica.

Declaro que concordo com todos os esclarecimentos citados acima para participação da minha filha como voluntária.

Recebi uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido dada a oportunidade de leitura através da pesquisadora do projeto em questão para sanar quaisquer que fossem minhas dúvidas a respeito do projeto.

_____, ____/____/____

Assinatura